

BETAR & ARTES & LETRAS

#149 | FEVEREIRO | 2023

fevereiro de 1973

há 50 anos nasce a Betar

B
Betar

B Desde 1973 na vanguarda da engenharia



TRIBUNAL DO BARREIRO

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



50 anos! Sim é verdade, este mês de Fevereiro fazemos 50 anos (1973 a 2023).

O que significa para nós, Betar, ter 50 anos? Em primeiro lugar **responsabilidade**. Temos uma história com meio século e a obrigação de estarmos à altura do que fizemos até agora e melhorar no futuro. Para uma empresa de Engenharia nacional, chegar aos 50, mantendo-se 100% Portuguesa, é preciso ter uma cultura muito forte, o que nos orgulhamos na Betar. **A procura**, sempre, da **melhor solução** para os nossos clientes é a nossa missão, é isso que fazemos todos os dias, há 50 anos, e isso só se pode fazer praticando **boa Engenharia**, sabendo que a melhor solução é aquela que serve o programa com o menor custo possível. **O respeito pelas pessoas**, por cada uma - sejam clientes, colaboradores, parceiros, fornecedores - é fundamental e só assim foi possível chegar aqui e continuar em frente.

A inovação: as empresas de hoje, para terem presente e futuro, precisam de se reinventar, renovando e inovando. O GOA, único sistema de gestão de obras de arte português, e a sua constante inovação são exemplo disso. **A internacionalização**: sem este esforço contínuo e conseguido de expansão para fora do país, com presença noutros mercados, era difícil chegar até aqui. Hoje somos um grupo com atividade e empresas em Moçambique, Angola, Malawi e Brasil para além de Portugal, já com cerca de 150 colaboradores, e com mais de 50% da nossa faturação no exterior. No início fazíamos projetos de estruturas de edifícios, hoje para além dos edifícios e das pontes estamos nas vias, na hidráulica, na gestão de projeto, nas infraestruturas... Um corpo de sócios coeso e forte, recentemente reforçado. **Memória**: para chegar aqui temos de nos lembrar e **agradecer aos nossos fundadores, a 1ª geração da Betar, Pereira Gomes; José Mendonça** (meu pai); **Veiga de Oliveira e Rocha Cabral**, que já não estão connosco. Para os recordar temos, nesta edição, breves entrevistas sobre todos eles. Lembrar particularmente o António Cabral que partiu no dia 16 de Janeiro, o último da primeira geração, do qual falaremos em particular. **António muito obrigado por tudo**. Conta connosco.

Ao longo deste ano vamos ter um programa de comemoração dos nossos 50 anos, no qual se destacam várias atividades de pendor cultural como, por exemplo, uma exposição de Pintura de Jovens Artistas... Mantemos neste Artes&Letras as sugestões de agenda: exposição de obras de Paula Rego; mostra de cinema alemão, peça de teatro n'A Barraca e vários concertos.

Até já, vamo-nos vendo ao longo deste ano especial!



Tiago Mendonça

edidor convidado

Assim como nas estruturas das obras as fundações são a base que sustenta tudo, também na BETAR não esquecemos as nossas origens e, por isso, dedicamos esta página aos fundadores. A Artes&Letras foi saber como eles criaram as bases sólidas que sustentam esta casa ainda hoje

Eng. Tiago Mendonça, pode descrever o Eng. José Mendonça, seu pai, que tanto deu a esta casa?

Tenho hoje a difícil missão de falar sobre o meu Pai (José Mendonça), enquanto dinamizador e impulsionador da Betar. A empresa nasce em 1973 com os sócios Jaime Pereira Gomes, Álvaro Veiga de Oliveira e José Mendonça. A criação da Betar correspondeu a dar uma forma empresarial ao “gabinete” de profissão liberal de projetos de estruturas de edifícios do Eng. Jaime Pereira Gomes. O meu Pai, com 36 anos, foi o grande impulsionador dessa transformação: começa a Betar na Rua Luís de Camões, junto à Carris, de onde eram oriundos os desenhadores, chefiados pelo Sr. Banheiro. Ao fim do dia, princípio da noite, faziam 4 a 5 horas na Betar. Eram outros tempos, estirador com os “T”, canetas de tinta-da-china, cópias de ozalid, lâmina de barbear para apagar... A Betar foi fazendo o seu caminho, com o início do Algarve e do seu desenvolvimento imobiliário. Depois é Lisboa que a expande. Desde sempre, distingue-se pela qualidade do seu trabalho e colabora, ao longo dos anos, com grandes arquitetos portugueses. A estória da Betar é o resultado do trabalho de muitos, mas desde muito cedo o meu pai assume-se um pouco como o “mais velho” deste grupo, e digo isto no sentido Africano. Ganhou respeito e distinção por parte de todos, que não vinha de uma posição societária, que nunca quis, pois sempre achou que os sócios deviam ter quotas iguais, o que fez quando entrou o Cabral ou quando voltou o Veiga da política. Visão e Generosidade que o seu filho já não teve... O reconhecimento de liderança era por parte dos sócios mas também dos funcionários, que nele reconheciam a chefia e o respeito. Por outro lado, os colaboradores da Betar sabiam que, em momentos difíceis, podiam recorrer a ele, que os apoiava sempre com muita amizade e respeito. Fácil ao nível de relações, o meu Pai deixa muita saudade. Era amigo e gostava muito, e



de forma natural, de muitas pessoas. Direto, às vezes demais, dizia o que pensava. E dizia o que mantemos até hoje na Betar, que a Engenharia não está à venda, isto é, as nossas opiniões técnicas não são “compráveis”, no sentido de poderem ser adaptadas por dinheiro. A continuidade do sucesso da Betar também a ele se deve quando “criou” a regra de que os gerentes se teriam de reformar aos 65 anos, o que permitiu que a segunda geração, Zé Pedro Venâncio, Miguel Villar e eu, tomasse muito cedo conta da empresa, mantendo-a sempre muito jovem. As relações de amizade e confiança, sem limites, entre ele e os seus sócios, foram também algo muito importante e um exemplo para nós. Muito devemos ao meu Zé Mendonça, que foi o principal agregador desta Betar que conhecemos. Muito Obrigado Pai!

Arq. Gilberto Oliveira, o que nos pode dizer sobre o Eng. Álvaro Veiga de Oliveira, seu pai, enquanto elemento fundamental na constituição desta empresa?

Desde o Douro, onde nasceu em 1929, a Angola onde cresceu e viveu até 1946, o Porto, onde se fez político e se formou em 1952 e Lisboa e Parede, onde depois assentou, o Veiga de Oliveira viveu entre três vidas, a da engenharia, a da política e a da família. A luta política para o derrube do fascismo e o fim do colonialismo fez-se entre a oposição, o exílio e a clandestinidade. Viajou muito e, por onde passou, escreveu, publicou e organizou a ação política. Exerceu engenharia em Portugal, no Brasil e Angola, como funcionário público, diretor fabril e profissional liberal. Em 1965 encontra-se na clandestinidade com a Esperança, com quem casa e vem a ter os seus quatro filhos. Saiu do cárcere de Peniche, onde esteve preso entre 1965 e 1970, voltando então, em modo clandestino, ao exercício da engenharia que lhe era vedado pelo Estado, com o apoio dos seus amigos engenheiros e arquitetos. Fundada a BETAR em 1973, o 25 de Abril chamou-o para a vida política por inteiro durante dez anos, período em que foi deputado, ministro e vereador. Em 1984 retomou a prática na BETAR, onde desenvolveu intensa atividade profissional até se reformar. Regressou à escrita em 1998, tendo publicado três livros: “As cercas”, “Burros sem rabo” e “Contos do Verosímil e do Transcendente”.





Em dezembro de 2020, numa magnífica entrevista à Artes&Letras, António Rocha Cabral contou a história do Eng. Jaime Pereira Gomes, que recordamos aqui:

Jaime Pereira Gomes nasceu a 13 de março de 1914, no seio de uma família de pequenos agricultores. Formou-se no Porto mas trabalhou como funcionário público nos Edifícios e Monumentos Nacionais, em Lisboa, onde chegou a diretor. A par desta atividade, exercia engenharia de estruturas, em profissão liberal, colaborando com os arquitetos mais marcantes do seu tempo. Os seus primeiros colaboradores engenheiros foram o Areosa Feio e o Veiga de Oliveira.

Comecei a trabalhar com eles em 1961. Em fins de 63 fui para França e entrou o José Mendonça. Voltei seis meses depois e ficámos, os dois, como os únicos colaboradores, até 1966. Os engenheiros, trabalhavam no escritório do Eng. Areosa Feio, no último andar do “arranha céus” do Areiro; e a sala de desenho era numa cave no Alto de Sto. Amaro. E assim funcionou o atelier até aos anos 70, altura em que o José Mendonça decidiu juntar, num único espaço, engenheiros e desenhadores. Este capital inicial, de relações e de grande qualidade técnica do Eng. Pereira Gomes, foi determinante para a empresa que se formou a seguir.

Nessa mesma entrevista, Rocha Cabral falou também da sua experiência nos importantes anos de arranque da empresa:

Em 1960, enquanto funcionário público nos Serviços Hidráulicos, mantinha uma colaboração com os Engs. Jaime Pereira Gomes e Areosa Feio, na realização de projetos de habitação para os novos Bairros dos Olivais Norte e Sul. Quando foi fundada a BETAR, estava como Diretor do Setor de Engenharia do atelier do Arq. Conceição Silva, onde me mantive até 1975. Nessa altura, fui convidado pelo José Mendonça para voltar para o atelier, na qualidade de sócio, para substituí o Veiga de Oliveira, então Ministro das Obras Públicas. Na BETAR Estudos fui administrador e projetista. Para além de projetos de edifícios, estabeleci ligações com a COBA e com o Engo Câncio Martins, experiência determinante para a futura criação da BETAR Consultores, da qual fui um dos sócios iniciais e um dos administradores.

À CONVERSA SOBRE

António Rocha Cabral

Este ano ficará marcado pelo seu adeus, e não podíamos deixar de lhe prestar a devida homenagem. Nesta entrevista, **Maria do Carmo Vieira** conta-nos como era o Eng. Cabral, inegavelmente um dos nomes mais importantes da BETAR



MARIA DO CARMO VIEIRA

Quais são as principais memórias que guarda do Eng. António Rocha Cabral?

Deixou-nos o eng. Rocha Cabral no passado dia 16 de Janeiro, exatamente 6 anos após o falecimento do seu grande amigo e sócio, José Mendonça. Comecei a trabalhar na BETAR em Dezembro de 1992, tinha 24 anos. As minhas primeiras memórias recuam ao início de 1993, aos três ou quatro meses durante os quais fizemos os dois primeiros projetos juntos, as Novas Instalações do Polo da Mitra e, logo de seguida, a ESAD. Passámos longas horas sentados lado a lado, debruçados sobre diversas camadas de desenhos, com o eng. Cabral a transmitir-me os seus extensos conhecimentos na engenharia, adquiridos em mais de 30 anos de experiência profissional. Foi o início de uma forte amizade que extravasou os oitos anos que passariam até à sua reforma em 2001. Recordo o eng. Cabral como um engenheiro extremamente completo, de nobre caráter, muito inteligente, de raciocínio rápido, e que nunca se deixava intimidar por novos desafios. Quando os prazos nos impediam de completar a pormenorização de um projeto, dizia sempre: “Ó filha, o que não der para desenhar, resolvemos em obra!”. E sempre assim foi, a qualquer questão levantada pelo empreiteiro, agarrava na sua caneta rollerball, e lá aparecia um esquisso com a solução, entre o trautear de uma qualquer ária operática ou de uma outra melodia que o inspirasse no momento. Encantava quem com ele se cruzasse, fossem arquitetos, desenhadores ou

colegas engenheiros, que o admiravam pelos seus conhecimentos, curiosidade, postura tranquila, charme, simpatia, boa disposição e pelo fantástico sentido de humor. A sua cultura era vastíssima em diversas áreas como o cinema, a literatura, a poesia, a pintura e a política. Era igualmente um melómano apaixonado pela ópera e música erudita, e um profundo conhecedor da história da música clássica. O eng.o Cabral era uma pessoa generosa, com gosto em passar às novas gerações, não só todo o conhecimento acumulando ao longo de anos de profissão, mas também o saber que lhe foi proporcionado pelos livros, filmes e música; pelas inúmeras obras de arte e arquitetura que admirou, nos museus e cidades que conheceu... Era uma pessoa muito organizada, com uma memória prodigiosa. As experiências que vivenciou, foi registando em diários que, depois da reforma, foi partilhando com os amigos, através do e-mail. Fui uma das pessoas sortudas que pôde receber, numa base quase semanal, um poema e uma música.

Que legado deixa à empresa, à engenharia e às gerações seguintes?

O eng. Cabral foi um exemplo a seguir como engenheiro e como coordenador de equipas multidisciplinares, conseguindo transmitir às novas gerações o respeito que o engenheiro deve ter pelos diversos profissionais que com ele interagem, desde a execução do projeto até à finalização da obra. Foi um bom ouvinte, fez-se respeitar e foi respeitado, sem



nunca elevar o tom de voz. À empresa deixou uma vasta obra feita, que nos enche de orgulho. Trabalhou com diversos arquitetos, de diferentes gerações, estabelecendo com alguns deles fortes laços de amizade. Transmitiu-nos a paixão pela cultura e pela arte, como parte integrante da formação do indivíduo e do profissional. Os que com ele conviveram apreenderam que ser um engenheiro é estar num constante processo de formação, profissional e pessoal. Pessoalmente, foi o meu mentor e um dedicado amigo. Bem-haja, eng. Rocha Cabral.

Recorda alguma história que melhor demonstre a sua forma de encarar a vida ou a profissão?

Recordo os milhares de km que fizemos pelo país fora, em visita a obras, que além de boas conversas, geralmente incluíam uma passagem por um restaurante para conhecer a gastronomia local, por um monumento que valesse a pena visitar, ou mesmo por uma exposição. Como profissional, recordo uma certa vez em que um Dono de Obra nos solicitou para irmos ver uma obra, cujo projeto era da

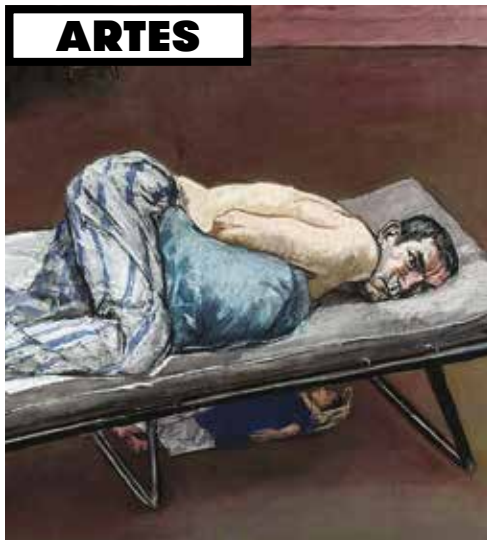
sua autoria, com a minha colaboração, e que apresentava uma laje fissurada. O eng.o Cabral não descansou até termos percebido o que tinha causado a fissuração e termos uma solução de reforço que impedisse a sua progressão. Com esta experiência, mostrou-me que, na nossa profissão, devemos sempre enfrentar as consequências dos nossos erros, com humildade e sentido de responsabilidade, assumindo o erro, mas trabalhando com afinco na sua resolução, para não deixar ficar mal o nosso nome, nem o nome da empresa que representamos.

Deixo-vos com palavras suas, sempre sábias, numa mescla de ironia e de esperança, escritas na sua mensagem de Natal, em 2011, quando atravessávamos uma grave crise financeira:

“Mais um Natal. Este em tempo de Crise. Como nasci e já passei Natais em tempo de Guerra, não penso que será o Fim do Mundo (mesmo que seja o do Euro). Toda a minha Vida foi depois desse tempo. A Vida dos jovens de hoje terá certamente “futuro” como a minha teve. Abaixo a Crise! Viva o Futuro! (como diria o otimista José Gomes Ferreira)”

SUGESTÕES

ARTES



Quem conta um conto... Paula Rego na coleção

Contar contos é uma das expressões que melhor definem o trabalho de Paula Rego, uma das artistas portuguesas com maior reconhecimento no país onde nasceu, em Inglaterra, onde estudou e viveu, e um pouco por todo o mundo. A sua obra sublinha sobretudo a relação da sua pintura, desenhos e gravuras, com contos populares e tradicionais, com a literatura e com a sua autobiografia, bem como com a sua contribuição para uma constante interrogação e redefinição do papel da mulher na sociedade. Organizada no ano em que Paula Rego faleceu, esta exposição é uma oportunidade para apreciar o seu trabalho. **ATÉ DIA 16 DE ABRIL**

Fundação Serralves

CINEMA

Kino - Mostra de Cinema de Expressão Alemã

Para assinalar o 20º aniversário deste festival, a Cinemateca Portuguesa apresenta o foco especial "História(s) do Cinema Alemão", onde se pretende examinar de dentro para fora, através de oito retrospectivas e perspetivas de especialistas deste género (Wim Wenders, Dominik Graf e Johannes Sievert, Hanns-Helmut Prinzler e Michael Althen, Alice Agneskirchner, Rüdiger Suchsland, e Philipp Hartmann). Exibindo ficção e documentário, a programação principal, composta por 15 filmes, apresenta algumas das produções da Alemanha, Áustria, Suíça e Luxemburgo que mais se destacaram nos grandes festivais internacionais, bem como obras de jovens e promissores realizadores.

ATÉ 18 DE FEVEREIRO



De 2 a 8 no Cinema São Jorge e de 9 a 18 na Cinemateca Portuguesa

Para além de celebrar o aniversário da BETAR, a Artes&Letras mantém o seu propósito de divulgar os melhores eventos culturais. Nesta edição, veja as propostas que selecionámos para o mês de fevereiro

TEATRO



Os Pintores de Canos

Dois operários trabalham mecanicamente num lugar subterrâneo, onde preservam a manutenção dos canos através da pintura, e é neste local, por vezes claustrofóbico e ao mesmo tempo de uma imensidão infinita, que refletem sobre as suas vidas. De um lado, um trabalhador de meia-idade, um profissional maturado, que aceita impassível a sua vida e todas as condições que esta lhe oferece. Por outro, um jovem que questiona as perspetivas do colega mais velho, e que não aceita a apatia que esta função lhe propõe. E assim se iniciam as discórdias e conflitos destas gerações tão afastadas pela idade como pelo pensamento.

Esta montagem ultrapassa os debates geracionais e abre o pano para a reflexão das fragilidades da sociedade mais capitalista e menos humanas, onde todos são substituíveis: o medo do desemprego, os pequenos poderes e as grandes misérias.

ATÉ 26 DE FEVEREIRO

Teatro A Barraca

MÚSICA



Conta-me uma canção

7 E 13 DE FEVEREIRO, NO TEATRO MARIA MATOS, LISBOA

Tendo como pano de fundo o legado de mais de 25 anos de músicas dos mais talentosos e influentes escritores de canções nacionais, este projeto desafiou Benjamim, Samuel Úria, Joana Espadinha e Mafalda Veiga, em janeiro e, este mês, sobem ao palco Sérgio Godinho e A Garota Não (7) e David Fonseca e Rita Redshoes (13).

As canções de amor de Jorge Palma

DIA 11 NO CAMPO PEQUENO, LISBOA, E 14 NO COLISEU DO PORTO

Depois de passar em revista vários dos seus álbuns mais marcantes, Jorge Palma vai apresentar um novo espetáculo, em 2023. Chama-se “As Canções de Amor de Jorge Palma” e é um concerto englobado no festival Montepio Às Vezes o Amor. Imperdível.



Luísa Sobral

DIA 18 NA CASA DA MÚSICA, PORTO, E 25 NO TIVOLI BBVA, LISBOA

Uma das cantoras e compositoras mais importantes da nova geração de músicos portugueses, Luísa Sobral abre as portas a “DanSando”, o 6o álbum de originais, que explora com leveza os terrenos da pop, sem nunca perder os tons jazzísticos. Um trabalho íntimo e pessoal, mas também socialmente consciente.

Bonga

DIA 20 NO B.LEZA, LISBOA

Bonga regressa a Portugal para um concerto ímpar, que tem o objetivo de celebrar o carnaval ao estilo angolano. Este grande símbolo do Semba comemora, neste concerto, a alegria e a mais autêntica e a legítima tradição do Carnaval de Angola. Não vai faltar animação. As portas abrem às 22h30.



MÚSICA



Outra Bizarra Salada

Partindo de textos de Karl Valentin, Beatriz Batarda junta a Orquestra Metropolitana de Lisboa, sob a direção do maestro Cesário Costa, aos atores Bruno Nogueira, Luísa Cruz e Rita Cabaço. Fala-se de uma orquestra em convulsão artística enquanto tenta acompanhar uma revolução cultural; das marcas deixadas pelo medo; da rotura de padrões com humor. Um jogo cénico entre atores e músicos para rir dos nossos preconceitos. “Uma Bizarra Salada”, inspirada no espetáculo “E Não Se Pode Exterminá-lo?” – um dos momentos mais icónicos do Teatro da Cornucópia dos anos 70, com encenação de Jorge Silva Melo, – foi criada por Beatriz Batarda, e apresentada no Teatro São Luiz, em 2011. Desta vez, chama-se “Outra Bizarra Salada” porque se os tempos mudaram, e também artistas e intérpretes cozinham com novos ingredientes e temperos. **ENTRE 18 E 25 DE FEVEREIRO**

PARA LER



O Odor da Índia Pier Paolo Pasolini

Controverso cineasta e escritor italiano, criador marginal e rebelde, Pasolini é autor de uma obra fundada na temática homossexual, na ideologia marxista e na mística cristã. Em 1961, realiza uma viagem à Índia na companhia de Alberto Moravia e Elsa Morante. Neste livro evoca os odores, as sensações e as visões dessa experiência, enquanto evoca situações sociologicamente semelhantes entre sociedades agrárias e sociedades modernas em crise. O burguês italiano é um provinciano obscuro e o camponês italiano encontra-se ligado às imensas massas subdesenvolvidas da Índia, e os seus problemas surgem como problemas mundiais.

Olho da Rua Dulce Garcia

Em Lisboa, uma agência de publicidade decide adotar uma inovadora estratégia de despedimento: os colaboradores que estão na calha para ir para a rua são convidados a escolher entre si quem deverá ser despedido. Um jogo ingrato e perigoso, que transforma a empresa num campo de batalha: multiplicam-se as intrigas e os golpes baixos, formam-se alianças improváveis... Um romance que aborda uma realidade do século XXI: trabalha-se para viver e vive-se para trabalhar. No escasso tempo que sobra, ficamos à mercê de quem nos paga o salário e de uma irremediável solidão. Mordaz e cru, "Olho da Rua" traz à tona a mesquinhez do ser humano e de uma sociedade garrotada pela competição.



MOÇAMBIQUE

DANÇA

Balada dos deuses de Kátia Manjate

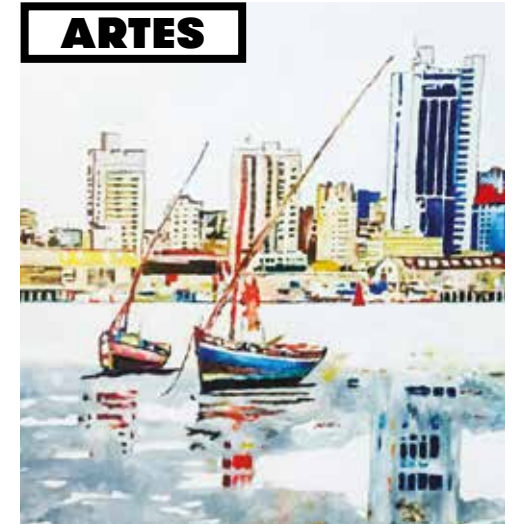
Centro Cultural Franco
Moçambicano, Maputo

Estreia este mês mais uma temporada da série "No Franco-Moçambicano" com eventos culturais de diferentes disciplinas como cinema, música, dança e artes visuais. Um dos novos projetos a apresentar é obra "Balada dos deuses", da coreógrafa Kátia Manjate, que começou sua formação em danças tradicionais em 1994 e, em 2003, continuou o seu percurso em dança contemporânea. Para a coreógrafa, a dança define-se como uma caminhada de um lugar para o outro, com uma linguagem particular, que toma várias formas físicas, do objeto no espaço e do tempo da performance.

DIA 17 DE FEVEREIRO



ARTES



Murmúrios do mar

Fundação Fernando Leite
Couto

Esta exposição individual de pintura de Lizzie Ana abre a temporada de 2023 da Fundação Fernando Leite Couto. "Murmúrios do mar" apresenta uma continuidade temática que a artista faz das lembranças, paisagens, gentes e costumes de Moçambique que, simultaneamente, nos deslumbram e inquietam. A mostra materializa uma ideia já consolidada no projeto de pesquisa que Lizzie está a desenvolver, designado "Velas silenciosas", iniciativa que já tem as portas abertas para implementar na Alemanha, com extensão para Israel. O propósito é divulgar a singularidade da costa moçambicana, exposta nas praias de norte a sul do país.

DE 1 DE FEVEREIRO A 3 DE MARÇO



VIAGEM

Florença

Visitei Florença quando terminei o curso, já lá vão quase 19 anos, e a cidade ficou desde logo na minha lista de sítios preferidos. Por esse motivo, o ano passado, voltei àquele que é, para mim, um dos mais encantadores destinos de Itália.

Da primeira vez, fruto do interesse que já nutria por arte - e embora a pintura e escultura do Renascimento Italiano não façam parte dos meus estilos de eleição - visitei vários museus e pinacotecas e deixei-me inundar por toda aquela manancial riquíssimo. Goste-se ou não daquele período artístico, a sua importância na história cultural da Europa é inegável e Florença reúne muitas das obras mais importantes do mundo. O mais ilustre museu da cidade é o Uffizi, que abriga obras de Botticelli, Leonardo da Vinci e Michelangelo.

Mas Florença não esconde todas as obras nos museus, pelas ruas respira-se arte e, da segunda vez que a visitei, apreciei mais o ambiente exterior. As fachadas dos palácios e igrejas, e as várias praças, são verdadeiras galerias ao ar livre com muitas estátuas e fontes. Na Piazza della Signoria, por exemplo, estão expostas famosas estátuas de Neptuno, Hércules e Caco, bem como uma réplica de David. Os próprios prédios de habitação e comércio, por toda a cidade, são um verdadeiro tesouro arquitetónico. E o Duomo, forrado a mármore de várias cores, é um dos edifícios mais incríveis de todos.

Mas o cartão de visita de Florença é a pitoresca e singular Ponte Vecchio. Na minha perspetiva, a ponte “é feita” de casas e lojas porque quando a observamos, de qualquer uma das margens do rio Arno, parece um pequeno bairro suspenso. É a ponte de pedra mais antiga da Europa e alberga várias ourivesarias. Simplesmente fabulosa. Florença é, sem dúvida, de visita obrigatória.

por Cátia Teixeira

BETAR

A BETAR foi chamada a desenvolver um projeto de reabilitação da ponte ferroviária Dona Ana, localizada entre as estações de Sena e Mutarara, sobre o Rio Zambeze, no centro de Moçambique



Trata-se de uma das maiores pontes ferroviárias da África Austral e um elemento fundamental no corredor Ferroviário do Centro. Apresenta uma extensão total de cerca de 3700m, sendo composta por um conjunto de tabuleiros metálicos simplesmente apoiados com vãos máximos de 80m. De forma a mitigar alguns dos problemas que se identificaram nas últimas inspeções realizadas, a BETAR foi contratada pelos CFM para realizar uma inspeção geral detalhada à estrutura. Atualmente está a ser desenvolvido o Estudo Prévio do projeto, tendo já sido realizados os trabalhos de inspeção principal, levantamento geométrico pormenorizado, prospeção geotécnica, levantamento topográfico, levantamento batimétrico do leito do rio, ensaios mecânicos e laboratoriais de caracterização dos materiais da obra e avaliação da capacidade de carga da infraestrutura.

Ponte Dona Ana

Projeto: 2015/2016

Cliente: CFM Portos e Caminhos-de-ferro de Moçambique

Âmbito: Reabilitação de Pontes Ferroviárias, Avaliação de Segurança, Levantamento de Pormenor, Topográfico e Batimétrico, Inspeção Subaquática



Vamos ao Cinema com o Zé Mendonça

Cultura e BETAR sempre caminharam lado a lado. Os sócios da primeira geração apreciavam arte, cinema, música e literatura e, de certo modo, trouxeram esse gosto para o interior da empresa, sobretudo pela mão de José Mendonça. Essa ligação ganhou uma nova vida em 2009, com a criação da Artes&Letras, cujo principal responsável foi precisamente o Eng. Mendonça. Já afastado da engenharia, continuava a ser um homem ligado às artes e sentia que podia “dar um contributo à cultura”. É portanto a ele que devemos a satisfação de estar a fazer algo diferente com este “guia cultural”, como ele próprio gostava de lhe chamar, e foi por isso que o filho Tiago Mendonça lhe dedicou o evento “Vamos ao cinema com o Zé Mendonça”, que já vai na 4ª edição. Assim, no dia 21 de janeiro, sócios da BETAR e amigos de José Mendonça assistiram ao filme “O homem que matou Liberty Valance”, (John Ford, 1962), no Cinema Roma. Um convívio muito agradável que começou com um breve discurso de Tiago Mendonça: “Esta é uma maneira de lembrar a memória do meu pai. Recordarmos dele é mantê-lo vivo em nós. Tenho muito orgulho nele, era um homem de convicções, lutava pelo que acreditava e gostava muito de cinema, portanto queremos homenageá-lo celebrando com os amigos”.

Para celebrar o 50º aniversário da BETAR desenvolvemos um programa especial, com várias iniciativas que decorrerão ao longo de todo o ano. A primeira, promovida por Tiago Mendonça, à qual a BETAR se juntou, aconteceu no dia 21 de janeiro, no Cinema Roma. A Artes&Letras conta como foi



CELEBRAÇÃO



A esta introdução seguiu-se a leitura de um poema da obra “O amor burguês” de José Cutileiro e alguns agradecimentos a familiares e amigos de José Mendonça, que não deixaram de estar presentes, como os netos Francisco e Afonso; a irmã Mimi; os amigos de infância de Castelo Branco, Alcina, Bártolo e Manuel; o filho da grande amiga Maria de Jesus e o Manuel da Aldeia João Pires; o Magalhães do Porto; a madrinha do Tiago, Manuela; a esposa do grande amigo António Rocha Cabral; os colegas Garcia e Carlos Manuel; o arquiteto José Laranjeira, entre muitos outros. E porque era um dia de homenagens, o Eng. Rocha Cabral também tinha de ser lembrado. Foi o último dos sócios da primeira geração a deixar-nos, dias antes, e Tiago disse mesmo que não sabia “o que era a vida sem ele. Um excelente engenheiro mas também um poeta, muito culto, que sabia muito de música”. Tempo ainda para um vídeo do próprio Cabral com a mensagem “ficaremos vivos aqui enquanto as nossas obras não forem destruídas”, palavras que abriram caminho para abordar a efeméride dos 50 anos da BETAR. “Acreditamos que a empresa, agora maior e mais internacionalizada, é especial”, disse Tiago. “Estão cá alguns dos filhos dos fundadores, os sócios da segunda geração e os mais recentes, e todos queremos seguir o espírito iniciado pelo meu pai”, concluiu dando início à sessão à qual se seguiu um lanche de convívio.

“Ficaremos vivos aqui enquanto as nossas obras não forem destruídas”
Eng. Cabral



Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**



ESAD